

O QUE SE PASSA

ROGÉRIO REIS

**CURADORIA
PAULA TERRA-NEALE**



“O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

(Guimarães Rosa)

O QUE SE PASSA

ROGÉRIO REIS

Rogério Reis nos apresenta a sua mais recente série de obras, as da praia. São fotos, vídeo e uma assemblage escultórica, produzidos em suas incursões às praias da zona sul do Rio, intensificadas desde a pandemia, um rito de sobrevivência que virou rotina de trabalho. É como se este ‘delirium ambulatorium’ (tomando emprestada uma expressão favorita de Oiticica) fosse sua residência artística. Rogério está entre os artistas contemporâneos que trabalham com a fotografia documental, que muitas vezes usa a câmera para lançar luz sobre os aspectos marginalizados da sociedade. Esses movimentos, ‘reinventados’ no pós guerra, tiveram um enorme impacto social; e podem ser vistos como predecessores dos movimentos identitários que existem hoje, já que ambos expõem a nossa vulnerabilidade humana e ecológica.

Como profissional, sua formação é plural. Rogério é fotógrafo independente há quatro décadas. Em meados dos anos 80 juntou-se à Agência F4, e mais tarde fundou com Claus Meyer e Ricardo Azoury a agência Tyba, que dirige até hoje. Parte de seu trabalho advém do fotojornalismo, nas funções de fotógrafo e/ou editor em diversos veículos, como o Jornal do Brasil, O Globo e a revista Veja. Outra parte vem do campo experimental da fotografia, tendo frequentado cursos no Museu de Arte Moderna do Rio, onde participava dos Domingos da Criação e de todo o movimento de arte conceitual-política que surgia com força durante a ditadura militar. Ele não aderiu à arte de denúncia; sua linguagem estaria mais próxima à Poesia marginal e ao movimento de contracultura que surgia então com o Cinema Novo.



Ou seja, ela tem uma pegada existencialista e crítica, sem ser politicamente dogmática, com foco na liberdade de expressão e atravessada por um fino senso de humor, de quem não se quer sério.

Em O que se passa, as imagens tornam visível o que nem sempre enxergamos, pontuando a presença dos corpos, ainda que na sua ausência, e documentando os rastros dos ritos nomádicos da orla carioca que nem sempre notamos. As fotografias têm seu foco nas comunidades de trabalhadores que ‘sobre-vivem’ na e da região praiana – vendedores ambulantes e de quiosques, catadores de latas, representados aqui nas efêmeras assemblages, gambiarras, amarrações e “burrinhos-sem-rabo” (carrinhos de transporte), na série Empilhamentos –; ou, ainda, em outras comunidades que têm a praia como lugar puramente de lazer, incluindo aí a dos seres não humanos, como num vídeo da série dos Aerocães, com espaço e tempo coincidindo no salto, e realidade e ficção se intercalando. Na Sala dos Seletos, corpos anônimos são apresentados em plena fulguração, beleza e gozo. Juntos e integrados à paisagem que os circunda e os acolhe em plenitude, parecem todos já emancipados do funcionalismo moderno, libertos dos jogos de poder, e pulsantes em vida, a despeito de qualquer situação de adversidade. Ele nos apresenta comunidades migratórias, sujeitos urbanos da periferia que migram da zona norte para a zona sul, ou que descem do morro e da favela para a orla, como corpos desejanter de vida, e de liberdade para viver num mundo sem fronteiras e sem hierarquias, onde a praia é de ‘todes’.

Rogério Reis é um artista teimoso e inquisitivo, determinado, metódico e perseverante; suas pesquisas de longa duração por vezes levam anos a se completar, como aconteceu com os já premiados Na Lona, ou Ninguém é de Ninguém.

Quando elege um projeto ele parece mergulhar de ponta-cabeça a esmiuçar a circunstância, os aspectos de vida e cultura que envolvem uma comunidade, até chegar ao âmago do que lhes é pertinente, aquilo que se passa; para ele é preciso o saber da experiência, coisa que se dá na travessia, entre o conhecimento e a vida.

Ainda que o objeto de sua atenção seja sobre o que nos parece ser, em princípio, da ordem do banal – situações ordinárias e corriqueiras do cotidiano, parte integrante de uma cultura social carioca; ou popular, como o carnaval, a praia, a rua –, constatamos que, inversamente, as fotografias nos impactam como extraordinárias, e, via de regra, tornam-se icônicas, memoráveis; elas resvalam uma força expressiva de grande intensidade visual e nos causam um estranhamento pela sua heteronomia, como algo que parece estar fora da ordem, e nos confundem por serem ao mesmo tempo óbvias e inimagináveis; outras, porque nos suscitam uma tomada de consciência de situações com as quais não devemos nos acomodar; algo assim que as vanguardas neo-dadá dos anos 70 recuperaram das estratégias Duchampianas como forma crítica ao status quo das artes e do mundo.

Ele parece investir no propósito de trazer a periferia para o centro, de tornar permanente o que é da ordem do precário e passageiro, privilegiando o popular ao erudito e o efêmero ao monumental, ou monumentalizando o efêmero, como na série dos Empilhamentos. Há décadas ele vem trabalhando nos mesmos temas, com uma abordagem fotográfica decididamente não elitista, dialógica, coloquial e pessoal. Comendo pelas beiras, e, talvez, até, nos cooptando às potencialidades da cultura popular e praiana, a ginga, o funk, ao modo libertário de viver –. Reconheço a generosidade do artista, fotógrafo, documentarista, em dividir conosco um sentimento de peculiar estranheza em habitar esse mundo, nesses tempos vertiginosos, distópicos.

As suas fotografias nesta mostra estão particularmente investidas deste espírito de urgência e transcendência, como vemos por exemplo na série Noite Americana: os sacos azuis colocados para proteger a costa na época da ressaca como que prenunciam os desastres ecológicos. Para mim, suas obras são a mais fina expressão do balanço entre e a acuidade estética, na bela imagem construída e desenhada com luz, e uma atenção aguda ao que se passa ao seu redor, os acontecimentos, com uma consciência existencial apurada, que surge nesse ato de colocar-se com empatia no lugar do outro. Vivendo a rua como rito, a fotografia como missão, e a transgressão como norma, ele nos assombra com uma espécie de taumaturgia do ‘óbvio ululante’ (expressão Rodriuguiana).



Rogério opera um balanço de mestre entre estética e ética, acompanhado de um questionamento filosófico sobre o papel da fotografia e a imagem na arte contemporânea, no fotojornalismo e no campo expandido da fotografia. O sentido da obra se dá aí nessa dobra, entre um acontecimento experiencial, o momento em que algo se passa e se incorpora no sujeito como sua vivência, e o que toma parte ou não na nossa narrativa histórica. As fotos selecionadas para O que se passa são como um índice deste seu investimento estético-ético, a construção de sua história e identidade, a sua praia. Esta é uma obra que nos humaniza a partir do que revela, e nos leva a repensar os nossos ecossistemas. Assim é que, em confronto direto com a cultura dita erudita-colonial, Rogério Reis nos oferece um cenário completo e imediato de um real expandido, sem hierarquias, que, como dizia Guimarães Rosa, se dá na travessia.

Curadora: Paula Terra-Neale



O QUE SE PASSA - ROGÉRIO REIS CURADORIA PAULA TERRA-NEALE
02/12/2023 A 24 03/2024 PAÇO IMPERIAL | RIO DE JANEIRO

Paço IMPERIAL



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO